

- | | |
|--|---|
| <p>2 Promover a paz em nossas cidades por meio da sabedoria e do amor
<i>Kim Crooks Korinek</i></p> <p>3 A oração que põe freio ao crime
<i>Martin Vesely</i></p> <p>4 É possível sentirmos a verdadeira paz
<i>Mari G. de Milone</i></p> <p>5 A paz dentro de nós
<i>Wendy Kibler</i></p> <p>7 Reivindique sua herança
<i>Mark Raffles</i></p> <p>8 Paternidade — a comprovação de que a criação de Deus é completa
<i>Jens Borghoff</i></p> <p>10 Não se deixe espremer para se encaixar nos moldes do mundo
<i>John Tyler</i></p> <p>12 A proteção constante do Amor
<i>Bianca Dutra</i></p> <p>12 O duradouro Princípio divino da cura na Ciência Cristã
<i>Sue A. Spotts</i></p> <p>15 Alegria: não saia de casa sem ela
<i>Michael Mooslin</i></p> | <p>21 Livre para perdoar
<i>Diane Evrard</i></p> <p>22 Cura de dolorosa queimadura
<i>Maria da Conceição Monteiro</i></p> <p>23 Libertei-me da crença de que eu tinha inimigos
<i>Isaac Otieno</i></p> <p>24 Cura rápida de ferimento na mão
<i>Orlirio Perez Rojas</i></p> <p>25 Rodízio de cargos no Conselho de Fiduciários</p> <p>25 Surpresa! Você é espiritual. Aceite isso — e viva de verdade.
<i>Keith Wommack</i></p> |
|--|---|

BOAS-NOVAS

- 16 **A justiça divina prevalece**
Vasti Alves de Oliveira

MENSAGEM DO QUADRO DE CONFERENCISTAS DA CIÊNCIA CRISTÃ

- 17 **A conexão mais profunda**
Melanie Wahlberg
- 19 **Estou feliz em ver você!**
Grace Anderson
- 20 **Você quer orar pelo mundo? Comece aqui.**
Jenny Sawyer

Promover a paz em nossas cidades por meio da sabedoria e do amor

Kim Crooks Korinek

Publicado anteriormente como um original para a Internet em 2 de março de 2026.

Em Mineápolis, Estados Unidos, a cidade em que vivo, todos os pensadores espirituais e as instituições voltadas ao sagrado receberam o pedido de direcionar seu trabalho espiritual em prol da diminuição do medo, da divisão, e das ameaças de violência que estão presentes em nossa comunidade. A pergunta que intriga todo coração espiritualmente desperto é: o que posso realmente fazer para ajudar?

Podemos orar. Orar é deliberadamente permanecer firme na Verdade divina, até que desmorone a mentira de que possa existir algum poder separado da Verdade, ou seja, de Deus. A oração não é pensamento ilusório nem esperança passiva. Na Ciência Cristã, a oração é compreendida e vivenciada como um poder em prol do bem. Em seu livro *Não e Sim*, Mary Baker Eddy, a Descobridora da Ciência Cristã, escreve: “A verdadeira oração não é pedir amor a Deus; é aprender a amar e a incluir toda a humanidade em um único afeto”, essa oração “...mostra-nos o que Deus é” (p. 39). Deus é o Amor infinito. E nós somos feitos para demonstrar sempre mais o Amor, Deus, e oferecer resistência a toda sugestão de que o Amor esteja ausente ou seja impotente.

Um modo de orar é ter a certeza de que o “...cimento de uma humanidade mais elevada unirá todos os interesses na natureza divina, que é uma e única” (Mary Baker Eddy, *Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras*, p. 571). Com essa certeza, algo muda. Nós nos recusamos a aceitar que a polarização e a violência sejam inevitáveis. Não atribuímos poder à noção errônea de que o ódio possa ser a força motriz de alguém. Reconhecemos que, em realidade, toda pessoa que vive em nossa cidade, ou passa por ela, é a amada expressão do uno e único Criador. Essa compreensão dissipa a atmosfera mental que gera conflito. A verdadeira oração guia o pensamento a escolhas melhores e a ideias mais

claras em favor de todos os envolvidos, e leva a uma pacificação genuína.

Na Bíblia, no capítulo 9 de Eclesiastes, encontra-se o relato referente a uma cidade sitiada que foi salva por um homem pobre, porém sábio. Esse homem livrou a cidade, não por meio da riqueza, posição social ou poder político, mas sim pela sabedoria. Podemos definir a sabedoria como compreensão espiritual, fortalecida pela confiança na onisciência da Vida, da Verdade e do Amor divinos.

Hoje em dia, temos acesso imediato à mesma compreensão que aquele sábio homem pobre comprovou: a harmonia é a realidade e a violência é uma falsa alegação disfarçada de poder.

A Sra. Eddy escreve: “O mal não é supremo; o bem não está desamparado; nem são primárias as chamadas leis da matéria, e não é secundária a lei do Espírito” (*Ciência e Saúde*, p. 207). O mal é o inimigo, mas não é pessoa, lugar, partido político, segmento populacional, regulamento ou instituição. É, isso sim, a mentira de que o ódio, a violência, a divisão e o medo tenham poder. Conforme a Sra. Eddy declara em um de seus poemas: “Falsos temores são os inimigos — a verdade os destrói / quando compreendida” (*Poems* [Poemas], p. 79).

Quando oramos, podemos nos aprofundar na verdade a respeito de quem e o que somos, e assim chegar a reconhecer a realidade de que a substância do existir é espiritual. Nunca estamos em luta com pessoas. Estamos, isso sim, dissipando as mentiras da ignorância, da vontade do ego, da vingança e do antagonismo, as quais fariam a violência parecer normal ou inevitável. O fato de que nós e o Pai somos um nos dá a percepção, o discernimento, a coragem e o vigor para superar o falso temor, o verdadeiro inimigo.

Na igreja filial da Ciência Cristã da qual sou membro, nossa parte da resposta, ao pedido feito aos pensadores e instituições espirituais para que orassem em prol da cura na comunidade, foi dada durante nossa reunião semanal de testemunhos. Naquela noite, a leitura de trechos da Bíblia e de *Ciência e Saúde* ressaltou que a lei espiritual se sobrepõe à lei material, e explicou que o reino de Deus está aqui na terra como está nos céus.

Os testemunhantes relataram experiências marcantes de como a oração havia dissipado a tensão: na Sala de Leitura da Ciência Cristã; em Uganda, a serviço do Corpo da Paz; e em outras situações. Alguém contou que orou com amor pela cidade como um todo, e isso o ajudou a sentir-se em segurança no metrô, quando se encontrou em uma situação que parecia perigosa.

Esses não são incidentes isolados. São provas diárias de que a lei de Deus, da Mente, atinge o caos e o destrói, conforta e protege toda a criação e sempre nos faz saber o que precisamos saber, no lugar certo e na hora certa.

Tal qual o sábio homem pobre que, por meio de sua sabedoria, livrou a cidade, nós podemos ver nossas cidades do modo como Deus as criou: aninhadas no amor de Deus, completas, harmoniosas e seguras. Podemos ver que todas as pessoas, independentemente de qual lado da questão elas defendam, estão incluídas no cuidado que Deus dá. “O efeito da justiça será paz, e o fruto da justiça, repouso e segurança, para sempre” (Isaías 32:17). Essa é uma lei espiritual. É o que acontece quando nos recusamos a atribuir poder à violência e ao medo, quando reconhecemos que o bem é supremo, e quando, de coração, amamos as nossas cidades.

A oração que põe freio ao crime

Martin Vesely

Publicado anteriormente como um original para a Internet em 2 de março de 2026.

Recentemente, logo após um trágico ataque terrorista nos Estados Unidos, uma autoridade local convocou uma coletiva de imprensa. Fiquei impressionado com a primeira frase que ele disse: “Não se enganem: o mal é real”.

Como eu tenho uma longa carreira na área de segurança pública, certamente entendi o que ele estava sentindo.

Quando presenciamos ou ouvimos falar de algum crime hediondo, talvez nos sintamos dominados pelo senso de que o mal seja real mesmo. Ficamos nos perguntando se há algo que possamos fazer, individual ou coletivamente, para impedir que tais eventos voltem a acontecer, e assim contribuir para uma sociedade mais segura e mais pacífica.

Sempre que essas questões me vêm ao pensamento, eu me sinto sempre encorajado pelo que Mary Baker Eddy, a Descobridora da Ciência Cristã, escreveu a respeito desse assunto: “...aqueles que discernem a Ciência Cristã porão freio ao crime. Eles ajudarão a expulsar o erro. Manterão a lei e a ordem, e aguardarão com alegria a certeza da perfeição suprema” (*Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras*, p. 97). As afirmações “ajudarão” e “manterão”, na mensagem acima, não deixam dúvidas de que é possível controlar, e até mesmo evitar o crime e a violência, e a Ciência Cristã ensina que isso começa em nosso próprio pensamento — quando compreendemos melhor que Deus é Tudo, tem todo o poder, e que o mal não tem poder nenhum.

Muitas vezes penso em como Cristo Jesus lidava com o mal. Quando as pessoas na sinagoga de sua cidade ficaram furiosas com o que ele estava dizendo, elas o expulsaram da cidade, pretendendo jogá-lo de um penhasco. Mas Jesus conseguiu sair dali ileso. Ele compreendia o poder de Deus, o bem. Jesus venceu o mal — tudo aquilo que se opõe ao bem e ao amor de Deus — denunciando a verdadeira identidade do mal: uma mentira sem poder nenhum, pelo fato de não ter sido criado por Deus, a Verdade, nem ter permissão divina para existir. E, como não existe nenhuma verdade na mentira, Jesus pôde demonstrar seu domínio sobre o mal. Por fim, após a crucificação — após aquele ataque agressivo à inocência e ao bem — ele ressuscitou, provando que o ódio e a ignorância não podiam destruir a Vida do homem, porque a Vida é Deus.

As tragédias muitas vezes são consideradas evidências de que Deus não existe, e de que o mal é real e mais poderoso do que o bem. Mas nada poderia estar mais longe da verdade. Lemos na Bíblia: “Uma vez falou Deus, duas vezes ouvi isto: Que o poder pertence a Deus...” (Salmos 62:11). Na medida em que compreendemos que Deus é Tudo — que Ele é infinito e

todo-poderoso — somos protegidos das consequências da crença geral no mal.

Lembro-me de outra afirmação de *Ciência e Saúde*: “Os pensamentos e propósitos maus não têm maior alcance, nem fazem maior dano, do que nossa crença permite. Os maus pensamentos, a cobiça e os propósitos malévolos não podem ir, como o pólen errante, de uma mente humana para outra e ali encontrar alojamento sem serem percebidos, se a virtude e a verdade formam forte defesa” (pp. 234–235).

Em determinado momento de minha carreira, eu era responsável pela segurança em um tribunal. Todas as manhãs, antes de sair para o trabalho, eu orava com passagens da Bíblia, pensando na segurança de todas as pessoas que entravam no prédio, inclusive autoridades, funcionários e o público. Ao longo do dia, eu afirmava que o bem está sempre presente, é todo-poderoso e preenche todo o espaço, por isso, não há lugar para o mal. Eu afirmava que Deus dá a todos os Seus filhos a capacidade de reconhecer essa verdade e defender o próprio pensamento das sugestões agressivas do mal. Eu orava com o fato espiritual de que o homem verdadeiro, criado por Deus, sente satisfação em fazer o bem e não pode jamais acreditar que vá encontrar a felicidade ou a solução dos problemas, fazendo o mal a si mesmo ou a outros. Deus, a Mente divina, expressa continuamente, em cada um de Seus filhos, a estabilidade e a inteligência. Nenhum pensamento rancoroso ou desequilibrado pode entrar nessa Mente ou perturbar a harmonia da criação de Deus.

Certo dia, um homem cujo processo estava tramitando naquele tribunal entrou no prédio e disparou uma arma enquanto corria pelo corredor. Sua intenção era chegar ao segundo andar e matar o juiz que presidia a sessão sobre seu processo, além dos outros funcionários que participavam dos trabalhos. Após uma troca de tiros com o pessoal da segurança, ele saiu correndo do prédio e logo foi preso. Seu plano foi frustrado e ninguém ficou gravemente ferido.

Assegurando-nos de que o mal é irreal e que Deus, o bem, é supremo, a Sra. Eddy afirma: “Imperturbada em meio ao testemunho gritante dos sentidos materiais, a Ciência, que permanece soberana, está desdobrando

para os mortais o imutável, harmonioso, divino Princípio — está desdobrando a Vida e o universo, sempre presentes e eternos” (*Ciência e Saúde*, p. 306).

Toda vez que vencemos o mal em nossa experiência individual, por menor que seja o caso, estamos demonstrando que Deus é tudo e que o poder de Deus é supremo. Através das lentes da Ciência Cristã, um dia o mundo todo verá, e se regozijará nesta verdade imutável: “Não vos enganeis: o mal é irreal”.

É possível sentirmos a verdadeira paz

Mari G. de Milone

Publicado anteriormente como um original para a Internet em 1º de junho de 2026.

É possível, hoje e sempre, sentir em nossa própria experiência de vida, a paz que desejamos. Não simplesmente uma paz caracterizada pela ausência de guerras e conflitos, mas, sim, uma segurança e paz interior duradouras. O profeta Isaías falou dessa promessa de paz a todos os que se empenham para levar uma vida que os aproxime de Deus: “O efeito da justiça será paz, e o fruto da justiça, repouso e segurança, para sempre. O meu povo habitará em moradas de paz, em moradas bem seguras e em lugares quietos e tranquilos...” (Isaías 32:17, 18).

Jesus falou claramente sobre a paz verdadeira, quando disse: “Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; não vo-la dou como a dá o mundo. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize” (João 14:27). Ele disse “minha paz”, isto é, a paz que só pode ser encontrada no Cristo, a verdadeira ideia de Deus.

Mary Baker Eddy escreve em *Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras*: “O Cristo é a Verdade ideal, que vem curar a doença e o pecado mediante a Ciência Cristã e atribui todo o poder a Deus” (p. 473). Jesus nos deixou a compreensão espiritual de que Deus é o único poder e a

única presença. Ter a consciência disso resulta em paz contínua, ininterrupta, que permanece imperturbada em meio a agressões, conflitos, rebeliões ou violência de qualquer espécie. Uma paz que está arraigada e estabelecida no Princípio e no Amor divinos.

Essa é a paz que Jesus demonstrou, quando ele e os discípulos enfrentaram uma grande tempestade no mar da Galileia. O vento era tão forte que a água começou a inundar o barco em que estavam. Enquanto isso, Jesus dormia tranquilamente. O Mestre não se perturbou com a fúria do mar nem com a força do vento. Sua paz nos inspira a manter uma consciência que se apoia totalmente em Deus. Diante do medo dos discípulos, Jesus se levantou e repreendeu o vento.

As palavras que Jesus dirigiu ao mar ainda ressoam em nós, apesar do grande intervalo de tempo: “Acalmate, emudece!” (ver Marcos 4:39). Essa ordem não acalmou apenas a fúria dos elementos climáticos, mas, especialmente, o medo dos discípulos. Jesus demonstrou a paz de Deus — a paz que nada poderia destruir. Diante de cenários de desarmonia ou doença, ele provou que a saúde e a harmonia no homem não podem ser interrompidas.

Quando reflito sobre o tema da paz, percebo que não se trata apenas de tentar permanecer inabalável diante de conflitos ou das várias “tempestades” com as quais nos deparamos. Para mim, trata-se de ter a convicção do poder e da presença de Deus em todos os momentos e em todas as circunstâncias. Trata-se de reconhecer que o bem-estar de cada um de nós está nas mãos do Amor divino. Trata-se de saber que temos autoridade divina para nos libertarmos do único opressor: a crença de que exista algo que possa causar a doença, a discórdia e que se oponha a Deus, o bem, que é a única causa e o único Criador. E trata-se também de ter a plena certeza de que Deus nos livra da tempestade e nos guia em segurança para o lar. Essa é a verdadeira paz.

A paz dentro de nós

Wendy Kibler

Publicado anteriormente como um original para a Internet em 1º de junho de 2026.

Não pode haver paz em nosso lar, em nossa comunidade, no país ou no mundo, a não ser que cada um de nós esteja em paz. Como lemos na segunda estrofe do hino 521: “Haja paz na terra, a começar em mim” (*Christian Science Hymnal: Hymns 430–603* [Hinário da Ciência Cristã: hinos 430–603] Jill Jackson, © Jan-Lee Music 1955, 1983). Contudo, essa paz tem de ser espiritual.

Se nossa paz depende das circunstâncias ao nosso redor, ela pode ser facilmente interrompida ou destruída, tal como deixam claro tanto a Bíblia como os escritos da Descobridora da Ciência Cristã, Mary Baker Eddy. Lemos na Bíblia que: “...o pendor... do Espírito [dá] para a vida e paz” (Romanos 8:6), e a Sra. Eddy declara: “O pensamento calmo e elevado, isto é, a percepção espiritual, está em paz” (*Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras*, p. 506). Essa percepção espiritual, ou seja, a mente voltada para as coisas do Espírito, não conhece conflito — e isso não porque ignora o conflito ou por ser ingênua, nem por ser indiferente e insensível, mas sim, porque compreende que Deus, o Espírito, é onipresente, onisciente e onipotente, e que o homem é o reflexo de Deus, feito à Sua imagem e semelhança, como lemos no primeiro capítulo da Bíblia.

É importante discernir a diferença entre esse homem espiritual, que Deus criou, e o homem mortal, cuja paz interior, quando existe, é o resultado de ações, pensamentos e sentimentos fundamentados na matéria. Se vemos a nós mesmos e aos outros como esse homem mortal, então estamos acreditando que não somos o reflexo de Deus, ou estamos supondo que refletimos a natureza mutável atribuída ao Jeová do Antigo Testamento. Deus é o Princípio; portanto, Deus é inteiramente bom, e nós também somos, como a imagem espiritual de Deus.

Um sinônimo para Deus, com base na Bíblia, é Mente. Essa Mente infinita não somente sabe tudo, mas também é a fonte de todo o verdadeiro conhecimento,

inteligência, sabedoria e compreensão. Por isso, não podemos obter nenhuma informação correta sobre o que está acontecendo, se nossa fonte não for Deus — a Verdade divina. Deus criou tudo o que realmente existe, por isso, o que não foi criado por Deus não faz parte da realidade e não pode ser conhecido. O que Deus não conhece, Ele não transmite. Segue-se daí que a guerra, a hostilidade e o conflito que vemos, ou com os quais nos deparamos, não são reais, pois não procedem de Deus. Pelo contrário, a realidade é a harmonia, a paz e o amor que são qualidades eternas de Deus. A Sra. Eddy nos assegura que: “O senso material não revela os fatos da existência; mas o senso espiritual eleva a consciência humana à Verdade eterna” (*Ciência e Saúde*, p. 95).

O que será que nos impede de vivenciar a paz interior que não depende das circunstâncias — a paz espiritual que expressa a Deus? Um dos obstáculos é ter medo. No inverno passado, tive uma pequena experiência que mostra que erradicar o erro nos traz tranquilidade.

Em uma tarde de domingo, um de meus filhos me enviou uma mensagem, dizendo que ele e a esposa estavam muito mal com uma virose. Já fazia alguns meses que eu vinha orando com a seguinte passagem de *Ciência e Saúde*: “O que mais necessitamos é orar com o desejo fervoroso de crescer em graça, oração que se expressa em paciência, mansidão, amor e boas obras” (p. 4). Aquela me pareceu ser uma ótima oportunidade para colocar esse conselho em prática.

Enquanto jantava, senti que deveria ir até a casa de meu filho e me oferecer para cuidar dele, de sua esposa e de meu netinho. Às sete da noite, eu já estava a caminho. Enquanto dirigia, percebi que eu estava com medo de que essa doença passasse para mim, impedindo-me de cuidar desses entes queridos. Então, durante o percurso, fui ouvindo hinos da Ciência Cristã, o que me acalmou. Também pensei muito sobre esta promessa de *Ciência e Saúde*: “Seja qual for o teu dever, podes cumpri-lo sem te prejudicares” (p. 385). Ao chegar na casa de meu filho, o medo havia sido substituído pela paz.

Minha nora, do topo da escada e enrolada em um cobertor, disse que tinha receio de que eu também ficasse doente, por isso ficaria longe de mim, e havia deixado alguns lenços desinfetantes para eu usar. Mas,

com a grata certeza de já haver superado a crença de que a doença, e o medo da doença, fossem legítimos — pois isso negaria o todo-poderoso controle de Deus sobre Sua criação — tranquilizei minha nora, dizendo que eu não estava preocupada. Enquanto estive na casa deles, cuidei de meu neto, lavei algumas roupas e fiz uma limpeza leve.

Na noite antes de voltar para casa, eu estava ninando meu neto, tentando fazê-lo dormir. Senti congestão no seu peito, então, em silêncio e com firmeza, neguei que essa condição tivesse qualquer validade no bem e no cuidado de Deus, os quais são sempre presentes. Senti muito amor por esse bebê inocente. Em poucos instantes, a congestão desapareceu. Na manhã seguinte, fui para casa. Não fiquei doente na casa deles, nem quando voltei para a minha. E meu neto também não.

Todas as vezes que erradicamos o erro dessa maneira, e vivenciamos o resultado sanador, o efeito se faz sentir muito além de nossa própria vida. Embora, por si só, esse ato não traga a paz mundial, nesse meu exemplo essa ação contribuiu com um senso da paz sanadora para a atmosfera mental na casa de meu filho. E a elevação espiritual em meu pensamento — que resultou em equilíbrio espiritual — permitiu-me expressar o amor de Deus que protegeu, tanto o bebê quanto a mim, seja do medo, seja da doença.

Então, faz sentido, não é, que essa mesma contribuição, para destruir o medo do contágio físico, pode ser aplicada para destruir nosso medo do contágio da guerra ou de qualquer outro tipo de conflito? Sim. Quando, como resultado da compreensão espiritual de que Deus está sempre presente, é onisciente e onipotente, nós obtemos tranquilidade, não só superamos o medo, mas enxergamos ainda mais que são irreais todos os outros fatores que perturbam a paz, tais como o ódio, a tirania e a apatia — ou qualquer outra atitude ou sentimento que não proceda de Deus, a Mente divina.

Em sua *Mensagem À Igreja Mãe para 1902*, a Sra. Eddy escreve: “Oh, gloriosa esperança! resta um repouso para os retos, um descanso em Cristo, a paz no Amor. Esse pensamento faz calar as queixas; a força das ondas, no oceano inquieto da vida, se desvanece

como espuma, e por baixo há uma calma profunda e estável” (p. 19). Assim como uma pedra lançada na água espalha círculos concêntricos, assim também essa paz espiritual, o revelar-se dessa calma profunda e estável em nossa própria consciência, se espalha e abençoa o mundo.

Reivindique sua herança

Mark Raffles

Publicado anteriormente como um original para a Internet em 6 de abril de 2026.

As pessoas recebem heranças de todo tipo, que podem incluir coisas materiais, como dinheiro, joias, imóveis e objetos de estimação. Diz-se que também herdamos características físicas, como altura, cor da pele, habilidades atléticas ou artísticas e temperamento.

Nem sempre, contudo, o que é herdado é muito bem-vindo. Algumas pessoas acreditam, por exemplo, que o alcoolismo seja algo comum em sua família, assim como problemas de visão ou obesidade. Ao assumirmos um novo cargo no trabalho, especialmente quando somos promovidos, talvez nos deparemos com um problema pré-existente, que pode colocar em risco o êxito da empresa.

Felizmente, existe uma forma de considerar o conceito de herança como algo que traz apenas o bem para nossa vida. Implica compreender quem somos como criaturas de Deus. O primeiro capítulo do livro do Gênesis, na Bíblia, nos assegura que o homem é feito à imagem e semelhança de Deus. Por isso, como Deus é o Espírito e nós somos Seu reflexo, nossa natureza necessariamente tem de ser espiritual. O Apóstolo Paulo afirmou: “O próprio Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus. Ora, se somos filhos, somos também herdeiros, herdeiros de Deus e coerdeiros com Cristo...” (Romanos 8:16, 17). Visto que Deus é o Amor (ver I João 4:8) e é totalmente bom, tudo o que recebemos

como herdeiros de nosso divino Progenitor só pode ser bom.

Nos últimos anos, popularizaram-se os testes de DNA para determinar a ancestralidade humana, e é provável que eles despertem curiosidade. Mas, embora essa busca pareça inofensiva à primeira vista, ela pode ser problemática. Tudo o que estabelece em nosso pensamento a crença errônea de que nascemos em uma existência baseada na matéria desvia o pensamento de nosso verdadeiro *status* espiritual. Em realidade, tudo o que diz respeito a cada um de nós é espiritual, pois emana da fonte única, o Espírito. Por sermos herdeiros de Deus, temos o direito de refutar todo e qualquer aspecto da mortalidade. Somos imortais, portanto, não carregamos características hereditárias materiais — quer positivas quer negativas.

Mary Baker Eddy, a Descobridora e Fundadora da Ciência Cristã, tinha muito a dizer a respeito da hereditariedade material. Ela escreveu: “A transmissão da doença ou de certas idiossincrasias da mente mortal seria impossível se este grandioso fato a respeito do existir fosse compreendido — isto é, que nada de desarmonioso pode invadir o existir, pois a Vida é Deus. A hereditariedade é um tema fértil ao qual a crença mortal pode atrelar suas teorias; mas, se aprendermos que nada é real senão aquilo que é certo, não teremos heranças perigosas, e os males carnaís desaparecerão” (*Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras*, p. 228).

Então, se somos realmente herdeiros do Espírito, qual é a nossa herança?

Há alguns anos, fui a um jogo da pré-temporada de beisebol. Nesses jogos, o público pode se aproximar da área de aquecimento dos arremessadores. Antes da partida, notei que havia algo escrito na luva de um dos arremessadores. Era “JER 29:11”, que se refere a este versículo bíblico do livro de Jeremias: “Eu é que sei que pensamentos tenho a vosso respeito, diz o Senhor; pensamentos de paz e não de mal, para vos dar o fim que desejais”.

Que bela promessa, unicamente o bem! Pensei naquele arremessador em um grande estádio, pronto para arremessar a bola, com todos os olhares voltados

para ele. Seja qual for a situação e a pressão sendo enfrentadas, é muito bom saber que Deus nos prometeu amor, paz e o bem para todos os dias.

Além de consistir em todo o bem, nossa verdadeira herança é abundante e atende às nossas necessidades específicas. Não é efêmera, nem está à nossa espera em algum ponto desconhecido do futuro. Essa herança inclui o bem tangível, como suprimento, companhia, saúde e segurança. Em realidade, quando reconhecemos e somos gratos pelo grande amor que Deus nos tem, percebemos que Ele nos proporciona muito mais do que poderíamos imaginar! É o cumprimento desta promessa bíblica: “Trazei todos os dízimos à casa do Tesouro, para que haja mantimento na minha casa; e provai-me nisto, diz o Senhor dos Exércitos, se eu não vos abrir as janelas do céu e não derramar sobre vós bênção sem medida” (Malaquias 3:10).

Nossa herança é libertar-nos da escravidão à dor física ou emocional e às lembranças ruins. Cristo Jesus prometeu: “...conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” (João 8:32). E ele comprovou que o poder de Deus cura toda e qualquer doença. Essa herança é específica para cada um de nós, e não há nada genérico nem genético nela. É exatamente a nossa expressão individual de Deus. As qualidades do Espírito que expressamos, como a inteligência, o vigor, a criatividade e o amor, emanam de Deus, que é sua fonte. Refletimos, de maneira ilimitada, todas as qualidades de Deus, a todo instante, e em quaisquer circunstâncias. Nossa capacidade de refletir é constante, não esporádica.

Não precisamos nos esforçar para ganhar a herança que Deus nos deu. O que precisamos é reivindicá-la. E fazemos isso reconhecendo constantemente nossa condição de filhos de Deus, criados espiritualmente, e refutando todo aspecto de uma inverídica identidade mortal e material. Somos eternamente os filhos amados de nosso Pai-Mãe Deus celestial, e nada pode nos privar dessa herança.

Paternidade — a comprovação de que a criação de Deus é completa

Jens Borghoff

Original em alemão Publicado anteriormente como um original para a Internet em 7 de agosto de 2025.

Desde o nascimento de nossa filha, há oito anos, perspectivas de vida completamente novas se abriram para mim e para minha esposa, como provavelmente acontece com muitos pais. Talvez, dificilmente haja algum outro evento que transforme as expectativas de alguém de maneira tão profunda e permanente, quanto o nascimento de um filho.

Além de pai, também sou praticista da Ciência Cristã. Por isso, na criação de minha filha, naturalmente costumo adotar uma abordagem fundamentada na oração. Alguns dos aspectos sobre os quais ponderei, no início dessa nova jornada, foram: O que *realmente* significa ser pai? Como podemos considerar a paternidade espiritualmente, e aplicar a compreensão espiritual adquirida pelo estudo da Ciência Cristã?

Comecei a buscar nos livros-textos da Ciência Cristã, a Bíblia e a obra principal de Mary Baker Eddy, *Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras*, pontos de partida e orientações inspiradas que pudessem servir como uma base estável para a criação de um filho. No capítulo intitulado “O matrimônio”, *Ciência e Saúde* explica: “Toda a educação das crianças deve visar à formação de hábitos de obediência à lei moral e espiritual, com a qual a criança possa enfrentar e vencer a crença nas chamadas leis físicas, crença essa que engendra a doença” (p. 62). Lemos em Efésios: “E vós, pais, não provoqueis vossos filhos à ira, mas criai-os na disciplina e na admoestação do Senhor” (6:4), e em Deuteronômio: “Amarás, pois, o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua força” (6:5). Essas ideias me encorajaram a adotar uma abordagem profundamente espiritual na criação de minha filha.

A resposta de Cristo Jesus à pergunta: “...Quem é, porventura, o maior no reino dos céus?”, feita por seus discípulos, tornou-se meu ponto de partida. Ele respondeu, dizendo que deveriam se tornar como crianças, se quisessem entrar no “reino dos céus” (ver Mateus 18:1–5). Para mim, essa resposta estabelece um ótimo padrão para a educação das crianças e nossa interação com elas. Jesus não as via imaturas, incompetentes ou como recipientes vazios a serem preenchidos. Pelo contrário, Jesus as apresenta como possuidoras das qualidades ideais a serem imitadas. Isso me proporcionou uma base para que eu visse minha filha a partir de uma perspectiva totalmente diferente, ou seja, como uma filha de Deus, uma expressão individual perfeita e completa do Amor divino.

Então, passei a me esforçar para tratá-la de acordo com essa perspectiva. Pensei na Regra Áurea, contida no Sermão do Monte proferido por Jesus: “Tudo quanto, pois, quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles...” (Mateus 7:12). Entendi claramente que, como todos nós gostamos de ser tratados como membros plenos da sociedade, aqueles com quem interagimos também gostam disso, e não querem ser tratados com menosprezo ou condescendência.

Comecei a falar com minha filha como falaria com um bom amigo, com bondade e respeito. No início, ela[SMSi] empregava outras formas de comunicação, como chorar e atirar coisas, mas cabia a mim a responsabilidade de reconhecer e interpretar suas atitudes da maneira correta. Parei de agir como se estivesse dizendo: “Eu sou o chefe aqui e vou explicar para você o que é o mundo”, e comecei a compartilhar a experiência de descoberta e progresso, procurando ouvir junto com ela, mesmo quando a estava orientando. Nosso Pai-Mãe, Deus, era responsável por nós dois. Meu papel consistia em ficar atento à direção indicada pelo Amor divino e confiar em que a plenitude de minha filha se revelaria naturalmente. Logo percebi que, quanto mais clara se tornava para mim a verdade de que a identidade dela era completa e perfeita, mais claramente essa verdade se tornava visível para nós dois.

Em Ciência e Saúde, a Sra. Eddy define *homem* como a “...ideia composta que se origina no Espírito

infinito; a imagem e semelhança espiritual de Deus; a plena manifestação da Mente” (p. 591). Uma das demonstrações mais evidentes dessa maravilhosa descrição da ideia de Deus — cada um de nós é essa ideia — ocorreu quando minha filha tinha quatro anos e nos mudamos de Milão, na Itália, para Berlim, na Alemanha. Até então, ela falava muito mais italiano do que alemão, embora tivesse sido criada falando os dois idiomas. Quando falavam com ela em alemão, ela entendia, mas sempre respondia em italiano.

Pouco tempo depois da mudança, porém, nós a ouvimos falar em alemão com as crianças da vizinhança. Dois meses depois, quando começou a frequentar a pré-escola, as professoras, que acreditavam que ela precisaria de uma atenção especial devido à natural barreira linguística, ficaram impressionadas ao vê-la brincar com seus novos amigos falando alemão sem sotaque. Seis meses depois, durante um exame de saúde obrigatório, o médico da escola nos disse que nunca tinha visto uma criança com um vocabulário como o dela, apesar de ela ter vindo de outro país.

Esses fatos me mostraram que minha filha, como qualquer outra criança, é a “plena manifestação da Mente”. A Mente divina não é limitada pelo idioma; portanto, sua expressão, o homem, também não é. Nada pode impedir a manifestação da inteligência e da ação provenientes da Mente. Eu e minha esposa estávamos, e continuamos, aprendendo a reconhecer que nossa filha é a expressão completa das qualidades divinas. O fato de sermos pais não significa que sejamos os criadores de nossos filhos, de seus talentos, capacidades e interesses. Somos testemunhas de que eles são completos, e podemos atentar para o conhecimento inato que cada criança tem sobre si mesma — conhecimento esse que vem de Deus — e que ela nos mostra.

Uma declaração que ouvimos uma vez por mês, nos cultos dominicais da Ciência Cristã, também tem me ajudado muito. Trata-se da “Regra para motivos e atos”, do *Manual da Igreja Mãe*, de Mary Baker Eddy, e que diz: “Nem a animosidade nem o mero apego pessoal devem determinar os motivos e os atos dos membros da Igreja Mãe. Na Ciência, só o Amor divino

governa o homem, e o Cientista Cristão reflete a suave harmonia do Amor, repreendendo o pecado, praticando a verdadeira fraternidade, misericórdia e perdão. Os membros desta Igreja devem vigiar e orar diariamente para ficarem livres de todo o mal e para não serem induzidos a profetizar, julgar, condenar, aconselhar, influenciar ou serem influenciados erroneamente” (p. 40).

A última frase me tem sido especialmente útil. Considero a paternidade como uma oportunidade de nutrir um relacionamento amoroso de progresso conjunto com nossos filhos, sem condená-los (mas condenando e rejeitando o erro impessoal), aconselhá-los ou influenciá-los incorretamente. Em outras palavras, é essencial, na família, deixar espaço para que o relacionamento de cada um com Deus e o desenvolvimento espiritual individual se desdobrem, guiados e inspirados pelo Amor divino, não impostos pela vontade pessoal ou opiniões humanas. O relacionamento de companheirismo com nossos filhos se torna uma oportunidade para cada membro da família expressar habitualmente suas qualidades espirituais inatas, como paciência, humildade, compaixão e desprendimento, que se desenvolvem a partir de uma compreensão mais profunda a respeito de Deus.

A paternidade é uma jornada contínua e tem sido uma experiência de aprendizado para mim, pois percebo os muitos caminhos disponíveis para minha filha, para que ela vivencie o progresso correto, bom e perfeito que seu amoroso Pai-Mãe Deus está desdobrando na experiência dela. É uma alegria e um privilégio progredir junto com ela.

Não se deixe espremer para se encaixar nos moldes do mundo

John Tyler

Publicado anteriormente como um original para a Internet em 5 de fevereiro de 2026.

Na carta de Paulo ao pequeno grupo dos primeiros cristãos que viviam em Roma, há uma recomendação importante: “Não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus” (Romanos 12:2). Eu gosto particularmente da tradução para o inglês dada em *The New Testament in Modern English* [O Novo Testamento em Inglês Moderno], de J. B. Phillips: “Não deixem que o mundo ao redor vos esprema até se encaixarem nos moldes dele, mas deixem que Deus transforme sua mente de dentro para fora, para poderem comprovar na prática que o plano de Deus para vocês é bom, atende a todos os requisitos divinos e conduz ao alvo da verdadeira maturidade”. Na linguagem bíblica, “o século” e “o mundo” representam o pensamento padrão alicerçado na matéria — tão comum naquele tempo quanto nos nossos dias — e que nos pressiona, nos espreme, tentando nos fazer caber nos seus moldes e formas.

Mary Baker Eddy, a Descobridora da Ciência Cristã, usa o termo “mente mortal” para identificar esse tipo de pensamento. Em sua obra principal, *Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras*, ela explica: “...a autora utiliza o termo *mente mortal* para denominar o gênero humano doente e pecador — querendo dizer com esse termo a carne oposta ao Espírito, a mente humana e o mal em contraste com a Mente divina, ou seja, com a Verdade e o bem” (p. 114).

Durante meu primeiro ano na universidade, tive a grande oportunidade de integrar um grupo de elite de estudiosos, do qual dois participantes vieram a receber o Prêmio Nobel. Ao longo daquele ano letivo, cada um de nós deveria fazer uma apresentação persuasiva sobre um tema à sua própria escolha. Eu começara a estudar a Ciência Cristã fazia pouco tempo, e estava

entusiasmado pelos conceitos totalmente diferentes que essa Ciência vinha me transmitindo a respeito de nossa existência. Então, considere ser esse um assunto sobre o qual, mesmo que não chegasse a ser persuasivo, eu poderia ao menos trazer informações.

Além disso, eu tinha consciência do passo radical dado pela Sra. Eddy ao chamar essa religião de ciência. O mais extraordinário é que essa religião de fato usa uma abordagem verdadeiramente científica. Apoia-se em demonstrações daquelas que identifica como leis espirituais — leis que requerem prova concreta da verdade das proposições nas quais estão alicerçadas.

Mas é uma religião. Fala a respeito de Deus, de pecado — o que eu classificava, na época, como “aquela coisa toda de religião”. Eu era um dos membros mais jovens desse grupo de estudiosos e da universidade como um todo, por isso, estava totalmente intimidado pela sofisticação intelectual do restante do grupo. Naquele período, a revista *Time* havia estampado em uma de suas capas a pergunta “Deus está morto?” Era “moda” rejeitar qualquer crença a não ser a que pregava que Deus é uma invenção cultural — uma invenção que nenhum indivíduo pensante e inteligente jamais poderia aceitar.

Foi aí que a energia — o vigor — das palavras de J. B. Phillips, no versículo que mencionei, me despertaram. “Não deixem que o mundo ao redor vos esprema até se encaixarem nos moldes dele!” Esse despertar me fez perceber que a mente mortal — o pensamento do mundo, uma abordagem materialista a respeito da vida e do pensamento — estava me governando, estava me espremendo para me encaixar nos moldes do mundo.

E entendi a segunda parte do alerta de Paulo como um conselho dirigido a mim: deixar que Deus renovasse minha mente de dentro para fora, “para [poder] comprovar na prática que o plano de Deus para [mim] é bom, atende a todos os requisitos divinos e conduz ao alvo da verdadeira maturidade”. Então, foi exatamente o que fiz. Descartei a mentalidade sofisticada de que “Deus está morto”. Deixei que Deus “renovasse” minha mente de dentro para fora. Procurei enxergar e reconhecer o que o versículo diz sobre o plano de Deus.

Ao final daquele ano letivo, uma enorme variedade de apresentações foi submetida à votação, e aquela a

respeito da Ciência Cristã, intitulada “Deus está vivo, e bem”, ganhou o primeiro prêmio. Embora eu tenha me dado conta, muitas vezes, de haver permitido que o mundo me espremesse para caber nos seus moldes, como acontece com tantas pessoas, lembrar essa experiência me ajuda a resistir à pressão.

Outro episódio ocorrido no mesmo período me deu mais uma oportunidade de comprovar a sabedoria do conselho de Paulo e, ao mesmo tempo, demonstrar uma lei cristãmente científica. Foi durante uma aula de química. Estávamos usando peróxido de hidrogênio como oxidante, quando aconteceu um acidente e o laboratório se encheu de fumaça. O professor avisou à turma que teríamos fortes dores de cabeça durante aquela tarde, e à noite.

Reconheci que aquela era uma crença do mundo à qual eu não precisava me amoldar, me conformar. Orei para compreender melhor que substâncias químicas não podem tocar minha verdadeira identidade espiritual como criação de Deus, o Espírito. Meu verdadeiro mundo é o vasto reino de Deus, cuja atmosfera é de pureza, frescor e amor. Fui capaz de me regozijar e ficar em paz nessa atmosfera, livre de qualquer traço de dor de cabeça, provando, assim, a verdade de uma lei de Deus.

Para não permitir que o mundo governe nosso pensamento, é necessário um ponto de partida preciso. Tanto a Sra. Eddy quanto Paulo reconheceram a necessidade de prestarmos atenção ao nosso estado de consciência, nosso pensamento. A Sra. Eddy afirma: “O ponto de partida da Ciência divina é que Deus, o Espírito, é Tudo-em-tudo, e que não existe outro poder nem outra Mente...” (*Ciência e Saúde*, p. 275).

Por isso, quando conseguimos partir desse ponto — de um profundo reconhecimento de que Deus, o Espírito, a Mente, é Tudo — estamos mais alerta à tendência de a “mente mortal” nos espremer, e deixamos que Deus “renove” nossa mente de dentro para fora.

A proteção constante do Amor

Original em português

Bianca Dutra

Publicado anteriormente como um original para a Internet em 28 de julho de 2025.

Há algum tempo, ao estudar a Lição Bíblica publicada no *Livrete Trimestral da Ciência Cristã*, minha atenção se voltou à história de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, que foram jogados na fornalha de fogo ardente por se recusarem a adorar uma enorme imagem de ouro. Esses três homens permaneceram firmes em adorar apenas a Deus, e foram salvos daquela situação que ameaçava a vida deles. Fiquei realmente maravilhada ao ler que nem seus cabelos foram chamuscados, nem o cheiro de fogo havia ficado neles (ver Daniel 3:1–30). Percebi que o cuidado de Deus é absoluto. Ele não nos protege só em parte, protege completamente.

Mary Baker Eddy, a Descobridora e Fundadora da Ciência Cristã, indica o Amor como um sinônimo para Deus, conforme está no Novo Testamento. Então, raciocinei que, por ser Deus onipotente, o Amor tem todo o poder. Por ser Deus onipresente, o Amor é a única presença. Isso significa que o Deus todo-poderoso, o Amor divino, é Tudo. Tudo aquilo que é bom na nossa experiência — toda boa ação, todo bom pensamento — é uma manifestação do Amor. Toda verdade emana do Amor, Deus.

No domingo seguinte, ao ouvir essa passagem sobre os três jovens hebreus, lida em voz alta durante o culto dominical na minha igreja filial da Igreja de Cristo, Cientista, tive a linda percepção de que eu não precisava ter medo de nada.

Após o culto, minha família e eu fomos almoçar em um restaurante. Enquanto aguardávamos, na área externa, que uma mesa fosse liberada para nós, meu filho de três anos de idade estava brincando com umas sementes de que gosta muito. Em um dado momento, percebemos

que ele estava chorando e mexendo no nariz, no qual suspeitamos que ele poderia ter colocado, sem querer, uma semente. Meu marido perguntou, apreensivo: “O que vamos fazer?”

Lembrei-me do trecho lido na igreja e, com firmeza, respondi que Deus protege cada um de Seus filhos, exatamente como protegeu Sadraque, Mesaque e Abede-Nego na fornalha. Afirmei que poderíamos ficar calmos e confiar na proteção de Deus. Meu marido concordou. Após uns poucos minutos, o menino espirrou, e a semente foi expelida de seu nariz.

Esse momento de cuidado do Amor me confortou. Eu sei que não importa onde estejamos, ou onde estejam nossos filhos, o Amor divino está sempre presente, cuidando de nós e amando-nos incondicionalmente. Quando reconhecemos que Deus, nosso Pai-Mãe, é a única Mente em ação a nos guiar, deixamos naturalmente o senso de responsabilidade pessoal, e descansamos na compreensão de que esse divino Pai-Mãe está constantemente nos guiando a dar os passos certos para educarmos nossos filhos e mantê-los em segurança.

Estudar as Lições Bíblicas semanais da Ciência Cristã nos mantém alerta para discernirmos as verdades espirituais, que são sempre boas e proporcionam segurança. Conforme disse Paulo, nada “poderá separar-nos do amor de Deus” (ver Romanos 8:39).

O duradouro Princípio divino da cura na Ciência Cristã

Sue A. Spotts

Publicado anteriormente como um original para a Internet em 25 de maio de 2026.

Todas as experiências de cura cristã apontam a Deus como o Princípio divino sanador; vemos isso nos relatos

dos Evangelhos e no livro de Atos, e através dos séculos até os dias de hoje. A Bíblia emprega expressões como *rocha, fundamento, pedra angular e refúgio* para descrever o sólido, confiável poder de Deus, que sustenta a vida e no qual as pessoas podem se apoiar em todas as épocas com sagrada confiança.

Com nossas experiências individuais de cura pelo Cristo, constatamos que o Princípio divino perdura, atuando com sanadora e libertadora eficácia nos dias de hoje, assim como em épocas passadas. O poder de Deus não diminuiu com o passar do tempo, com as mudanças nas circunstâncias humanas nem por pressões de uma sociedade cada vez mais materialista, assim como não mudaram as leis da matemática. Em *Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras*, Mary Baker Eddy, a Descobridora da Ciência Cristã, declara: “Do infinito Um na Ciência Cristã provém um só Princípio e sua ideia infinita, e com essa infinitude vêm regras e leis espirituais e sua demonstração, as quais, como Aquele que tudo concede, são as mesmas ‘ontem e hoje... e... para sempre’...” (p. 112).

Um ponto central nos ensinamentos de Cristo Jesus é a revelação de que o reino dos céus — o reino e o governo de Deus, o Espírito, o qual inclui o homem espiritual e perfeito de Deus — está aqui e agora. Na oração que anseia conhecer a Deus, tanto a realidade do divino poder absoluto e sempre presente, quanto a nossa realidade como Seus filhos amados, tornam-se mais claras. O resultado é que o medo se dissolve e a doença é curada. O Princípio divino atua na consciência humana com tamanha certeza sanadora, que a Ciência Cristã define seus meios e efeitos como lei divina.

Se este sinônimo de Deus — o Princípio — parece ser um termo frio ou distante, podemos ser gratos porque esse mesmo Deus é o amoroso Pai-Mãe do homem. Deus, o Princípio divino, mantém cada um de nós como filho espiritual dEle, em harmonia com Ele, conforme a lei divina, e é o mesmo Deus cuja graça para conosco se renova “cada manhã” (Lamentações 3:23), e cujas ternas dádivas a nós concedidas “excedem os grãos de areia” em quantidade (Salmos 139:18). O mesmo Deus que decreta retidão e justiça para toda a Sua vasta e imortal criação, também sustenta ternamente cada um de nós

como Sua expressão pura e espiritual, para sempre na órbita do Seu amor.

É importante mencionar que Mary Baker Eddy, em seus escritos publicados, frequentemente associa o sinônimo Princípio à prática da cura pela Ciência Cristã. Compreender e reconhecer a Deus como o Princípio divino de nossa prática de cura pode ser extraordinariamente libertador. Liberta-nos do falso senso de responsabilidade pela cura, e de qualquer senso de incapacidade que possamos ter em relação a dar tratamento pela Ciência Cristã. Percebemos que não estamos sozinhos em nossos esforços de orar eficazmente para promover a cura.

No prefácio de *Ciência e Saúde*, a Sra. Eddy aborda claramente esse ponto: “A cura física pela Ciência Cristã resulta hoje, como no tempo de Jesus, da operação do Princípio divino, ante a qual o pecado e a doença deixam de ter realidade na consciência humana e desaparecem tão natural e tão necessariamente como a escuridão dá lugar à luz e o pecado cede à reforma. Hoje, como outrora, essas obras poderosas não são sobrenaturais, mas supremamente naturais. São o sinal de Emanuel, ou seja, ‘Deus conosco’ — uma influência divina sempre presente na consciência humana, e que se repete, vindo agora como fora prometido antigamente:

Para proclamar libertação aos cativos [dos sentidos]
E restauração da vista aos cegos,
Para pôr em liberdade os oprimidos” (p. xi).

Gosto muito de como essa declaração atribui plenamente o poder de cura ao Princípio divino, citando a “...operação do Princípio divino, ante a qual o pecado e a doença deixam de ter realidade na consciência humana...” Assim podemos reconhecer que, não importa qual problema ou desafio estejamos enfrentando, a desarmonia que é o erro básico, ou seja, a crença errônea, é aquilo que tem de ser corrigido pelo Princípio divino, não por nós pessoalmente. Esse fato muda os termos do confronto, por assim dizer, em vez de um “eu” pessoal tentando derrotar o erro, é Deus nossa defesa segura e a fonte vital de toda cura. Torna-se cada vez mais claro, então, que o medo, as imagens sombrias do pensamento mortal, e as falsas evidências do senso material devem ceder lugar a Deus

e a Seu Cristo, a verdadeira ideia de Deus, e assim “... desaparecerem tão natural e tão necessariamente como a escuridão dá lugar à luz e o pecado cede à reforma”.

Uma cura muito importante ocorreu nos primeiros anos de minha atividade como praticista da Ciência Cristã, e aconteceu, em grande parte, como resultado da minha compreensão da natureza de Deus como o Princípio duradouro da cura cristã científica.

Uma amiga ligou, pedindo ajuda em oração para o que ela descreveu como feridas abertas nos pés. Ela disse que o problema persistia havia algum tempo e que uma enfermeira da Ciência Cristã a estava ajudando a enfaixar as feridas de maneira adequada. Foi um privilégio começar a orar pela minha amiga.

Nessa mesma época, eu havia começado a ler o livro *Spiritual Healing in a Scientific Age* [Cura espiritual em uma era científica], de Robert Peel, livro esse que inclui vários relatos comprovados e comoventes de cura pela Ciência Cristã. Além de tratar o caso diariamente por meio da oração, eu senti que era natural permitir que a inspiração adquirida com as maravilhosas curas relatadas no livro alimentasse e fortalecesse minha convicção no poder sanador de Deus. O propósito foi ler e ponderar a fundo cada relato em espírito de oração, permitindo que elevasse meu pensamento a respeito de mim mesma, de minha prática de cura, e do papel mais abrangente da cura pela Ciência Cristã no mundo.

Os testemunhos que li não abordavam casos semelhantes àquele pelo qual eu estava orando. Isso não me pareceu importante. O que importava era o que esses relatos falavam sobre a disposição e poder do Amor divino de curar e salvar, e sobre a total imparcialidade desse Amor.

Logo uma ideia muito valiosa me veio. Eu sabia ser uma mensagem de Deus, pois era profundamente inspiradora: “O Princípio divino responsável pelas curas sobre as quais você está lendo é o mesmo Princípio divino que opera a favor de sua paciente”. Nos dias seguintes, à medida que a gratidão transbordava a cada relato de cura que eu lia, essa ideia me voltava ao pensamento. Era uma clara percepção espiritual de que Deus, o Princípio divino do verdadeiro existir do

homem, era o único poder e influência sobre o caso pelo qual eu estava orando.

Continuei a orar por minha amiga, fortalecida pela inspiração que recebia dos testemunhos. Alguns dias depois, ela, com gratidão, me informou que o problema dos pés havia desaparecido completamente.

Devo dizer que, durante essa experiência, eu me senti mais como uma testemunha do que como alguém que promove a cura. Lembrei-me de Moisés diante da sarça ardente que, embora em chamas, não se consumia. Ele parou para observá-la e, então, ouviu a Deus falando com ele. A cada testemunho que lia, sentia-me, de certa forma, chamada a parar mentalmente e a constatar a plenitude de Deus, o Espírito, e o nada da matéria, como os relatos comprovavam.

Também reconheci que, se tivesse lido os testemunhos sob uma perspectiva pessoal e limitada — questionando, por exemplo, se eu seria capaz de orar com a mesma eficácia que os testemunhantes, ou indagando se teria tanta persistência, fé ou compreensão espiritual quanto eles — eu poderia ter perdido o ponto espiritual essencial: o Princípio divino, não uma pessoa, é o sanador científico.

Na verdade, Deus não concede a alguns mais do que a outros a capacidade de conhecê-Lo; nem atribui a alguns poucos escolhidos maior probabilidade do que a outros de vivenciar a cura. Jesus esclareceu esse ponto quando comparou o amor de nosso Pai-Mãe Deus à chuva, que cai benéfica e igualmente sobre todos.

Podemos afirmar que nossa missão como sanadores cristãos é sermos semelhantes a Cristo, expressar da melhor maneira possível as qualidades espirituais descritas nas Bem-aventuranças — inclusive humildade, motivos e afetos puros, e amor à verdade. Essas atitudes, essas disposições do coração, constituem a postura diante de Deus graças à qual recebemos a inspiração do Altíssimo em nossa oração, denunciando as mentiras do medo e da doença, e testemunhamos de maneira eficaz a atuação do Princípio divino. Tão certo quanto o sol da manhã nasce ao Leste, assim o Princípio divino produz a cura.

O Princípio, por sua natureza, é infalível, e seu efeito sanador é irreversível. Nossas orações naturalmente reconhecem esses fatos espirituais; e o manso e divino Cristo sanador nos permite sentir e reconhecer que são reais, fazendo com que sintamos em nossa vida o efeito seguro do Princípio divino.

Alegria: não saia de casa sem ela

Michael Mooslin

Publicado anteriormente como um original para a Internet em 16 de fevereiro de 2026.

A **maioria de nós** já se divertiu vendo crianças pequenas dançando, em sua inocência, sem se preocupar com o que os outros poderiam pensar, movimentando-se ao ritmo da música com a mais pura alegria. Mas talvez nos perguntemos: “Será que em minha própria vida está presente a alegria que vemos na dança dessas crianças?”

Esse entusiasmo, essa alegria, vem diretamente do Espírito, Deus. Contudo, o Espírito não é algo que vem *para* nós. Na verdade, é um poder refletido *em* nós e, de nós, para todos. Ao escrever sobre nossa verdadeira identidade espiritual como progênitos de Deus, a Mente única e infinita, Mary Baker Eddy diz: “As ideias infinitas da Mente correm e se alegram” (*Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras*, p. 514). O reconhecimento dessa verdade a respeito de cada um de nós, o qual se origina em Deus e é por Ele inspirado, manifesta-se em um amor mais profundo e imparcial, que sente satisfação em cada evento diário de nossa vida. Não posso deixar de perceber a alegria em outra declaração da Sra. Eddy, na qual ela diz que o amor pode se manifestar como “pezinhos saltitando pela calçada” (ver *Escritos Diversos 1883–1896*, p. 250).

Sentir-se sobrecarregado pelas pressões, e especialmente pelo julgamento do mundo, pode fazer

com que nos sintamos inseguros e desejosos de aprovação. Isso não traz alegria. Todavia, *Ciência e Saúde* nos fala de um tipo de pressão que é positiva, não negativa: “Os Cientistas Cristãos têm de viver sob a constante pressão do mandamento apostólico de se retirar do mundo material e se apartar dele” (p. 451).

Esse tipo de pressão é espiritual, e não é afetada pela pressão do mundo. Assemelha-se mais à cabine pressurizada de um avião, onde os passageiros não sentem nem são afetados pelas alterações da pressão atmosférica externa. Ali, a pressão constante representa o equilíbrio, neutralizando a pressão externa. Para mim, isso significa que, pelo fato de nossa alegria ser uma ideia espiritual da Mente, ela não pode ser abalada, e permanece para sempre intacta, constante.

Anos atrás, a diretoria da empresa que eu administrava me informou que tinham decidido vendê-la. No ano anterior, porém, a empresa havia adquirido uma rede de três lojas que se dedicavam à pintura em cerâmica. Esse poderia ser um obstáculo à venda, porque essas lojas estavam dando prejuízo. Apesar disso, eu sabia que o pequeno negócio de cerâmica era valioso. Na época, eu estava orando em busca da orientação da Mente divina, para saber como eu poderia melhor servir aos outros de um modo que incluísse mais alegria. Eu apreciava muito o fato de a empresa de cerâmica ser voltada para atividades com famílias, e gostava de ver as crianças se divertirem despreocupadamente pintando as peças. Encontrei um investidor e apresentei uma oferta para comprá-la. Isso fez com que eu me voltasse em direção a uma excelente oportunidade de negócio, e essa foi a resposta à minha oração.

Eu sabia que assumir essa responsabilidade não poderia diminuir a alegria, que é algo inerente a mim, porque essa alegria se origina em Deus. Graças ao meu estudo diário da *Ciência Cristã*, eu me senti livre para seguir em frente, sem restrições, com o senso de que estava sendo conduzido por um objetivo divino. Nós estávamos sentindo alegria, dançando mentalmente como se ninguém estivesse olhando. Acabamos nos tornando uma bemsucedida franquia, que trouxe alegria a diversas gerações de famílias em várias partes do mundo.

Por sermos a expressão de Deus, manifestamos a atividade plena da alegria que provém do Amor divino, e nosso trabalho diário pode refletir isso. Esta passagem de *Ciência e Saúde* descreve o senso de crescimento que eu precisava em minha vida, naquela época: “Para nos certificarmos de nosso progresso, precisamos saber onde estão nossos afetos e a quem reconhecemos e obedecemos como Deus. Se o Amor divino está se tornando mais próximo, mais querido e mais real para nós, então a matéria está se submetendo ao Espírito. Os objetivos que procuramos alcançar e o espírito que manifestamos revelam nosso ponto de vista e mostram o que estamos conquistando” (p. 239).

A Bíblia declara: “O Senhor... se deleitará em ti com alegria...” (Sofonias 3:17). Será que estamos percebendo o deleite, a satisfação de Deus, e sentindo Sua alegria em relação a nós? Compreendemos que nós somos Sua alegria se expressando, e que nunca podemos estar separados dessa alegria? Lemos em *Ciência e Saúde* que “...a alegria não pode ser convertida em tristeza, porque a tristeza não tem domínio sobre a alegria...” (p. 304).

Por sermos ideias da Mente, encaremos cada dia e cada situação com entusiasmo e confiança — movendo-nos com leveza e sem restrições — com Deus! São infinitas as bênçãos que recebemos, quando reconhecemos e expressamos nossa alegria inata como ideias da Mente.

BOAS-NOVAS

A justiça divina prevalece

Vasti Alves de Oliveira

Publicado anteriormente como um original para a Internet em 15 de setembro de 2025.

Houve muitas situações em que precisei colocar meu julgamento pessoal de lado para ouvir a Deus. Uma delas aconteceu após o falecimento de minha sogra. Meu marido comprou a parte dos irmãos na casa de sua mãe. Contudo, visto que naquela época havia indícios muito fortes de que iríamos nos divorciar, ele acabou

não fazendo a transferência imediata do imóvel para o nome dele, evitando, assim, que a casa entrasse em uma eventual partilha de bens.

De início, isso me deixou preocupada. Mas, em meu estudo da Ciência Cristã, eu já havia comprovado que a oração é o método mais eficaz para enfrentar todo tipo de desafios. Nessa oração, reconhecemos que Deus é o bem, sempre presente para abençoar a todos. No livro-texto da Ciência Cristã, *Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras*, de autoria de Mary Baker Eddy, Deus é definido como: “O grandioso Eu Sou; Aquele que tudo sabe, que tudo vê, que é todo-atuante, todo-sábio, todo-amoroso e eterno; o Princípio; a Mente; a Alma; o Espírito; a Vida; a Verdade; o Amor; toda a substância; inteligência” (p. 587).

Inspirada por essas ideias, passei a orar afirmando que todos nós, por sermos filhos de Deus, temos “em nosso próprio nome” — em nossa natureza espiritual como imagem e semelhança de Deus, o Espírito — aquilo que nos pertence, tal como honestidade, completude, suprimento, saúde e tudo o que manifesta o bem de Deus. Minha confiança se fortaleceu quando reconheci que, em Deus, tudo está no lugar certo e em perfeita ordem; que no Princípio divino ninguém pode estar na posse de algo que pertença a outra pessoa.

O versículo da Bíblia que nos exorta a lançar “...sobre ele [Deus] toda a vossa ansiedade, porque ele tem cuidado de vós” (1 Pedro 5:7) me fez perceber que não há paz mais profunda do que reconhecer que, em qualquer situação adversa, podemos confiar totalmente em Deus, compreendendo que Ele é supremo e todo-atuante, e que Sua ação só pode proteger cada um de Seus filhos.

Pouco tempo depois, por conta de uma situação relacionada a um empréstimo financeiro que um de meus cunhados estava pleiteando, foi necessário transferir a casa rapidamente para o nome de meu marido. Fiquei muito grata, pois entendi que esse foi o resultado harmonioso da oração.

Posteriormente, quando meu marido e eu nos divorcamos, nossos bens, inclusive essa casa, entraram na partilha. Eu estava em paz, porque compreendia que, na realidade divina, não pode haver interferência da vontade humana — nem minha, nem de meu marido

— para influenciar a justiça divina. Com a certeza de que somente Deus promove a justiça, eu sabia que a decisão da juíza refletiria a ação imparcial de Deus. Eu não precisaria temer nada com relação à partilha dos bens.

Por decisão judicial, todos os nossos bens foram distribuídos de maneira harmoniosa e justa, beneficiando igualmente a mim e meu ex-marido. O que mais me alegra nessa experiência é ter comprovado que deixar a vontade pessoal de lado, e reconhecer que a vontade de Deus é a única sendo feita de maneira ininterrupta e constante, resulta em bênçãos para todos.

Agradeço a ajuda recebida de um praticista da Ciência Cristã, que orou comigo durante esse período. Também sou grata pelos ensinamentos de Cristo Jesus, do modo como aprendo na Ciência Cristã, os quais firmam nossa compreensão nas justas e protetoras leis de Deus.

MENSAGEM DO QUADRO DE CONFERENCISTAS DA CIÊNCIA CRISTÃ

A conexão mais profunda

Melanie Wahlberg

Muitos membros da igreja acham mais fácil falar sobre a descoberta revolucionária de Mary Baker Eddy, quando estão em meio a Cientistas Cristãos. Nós ficamos à vontade nesse círculo.

Mas será que podemos sentir confiança e ficar à vontade, ao compartilhar a Ciência Cristã em círculos mais amplos?

No escritório do Quadro de Conferencistas da Ciência Cristã, temos a oportunidade de ouvir relatos de como vocês estão fazendo exatamente isso — com confiança compartilhando a Ciência Cristã com amigos, vizinhos, familiares e colegas de trabalho. Um elemento comum nesses relatos é a compreensão de que qualquer pessoa pode se beneficiar com a Ciência Cristã. Essa Ciência

é universal em sua ação de cura e é compreensível para todos; na verdade, ela revela a nossa salvação. É mais fácil e mais natural compartilhar ideias, quando reconhecemos que Deus é a única Mente.

Mary Baker Eddy explica em *Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras*: “Quando compreendemos que há uma única Mente, a lei divina de amar o próximo como a nós mesmos se desdobra” (p. 205). Sim, claro. O fato de termos a mesma Mente que outra pessoa é uma conexão profunda e significativa. Compreender e sentir essa conexão elimina as diferenças superficiais. Então, naturalmente, amamos nosso próximo o suficiente para superar a timidez ou a insegurança, e falar do fundo do coração.

Deus é a Mente de nosso próximo também, por isso os conceitos da Ciência Cristã já fazem sentido para nosso próximo em algum nível, porque são naturais e inatos para ele. Já constatei que, quando faço questão de confiar em que meu próximo é guiado pela mesma Mente que guia a mim, encontro uma linguagem simples e sincera. Em vez de tentar dizer a alguém algo que essa pessoa talvez aceite ou não, a ocasião se parece mais com alguém mostrando a outra pessoa um lindo nascer do sol, e então os dois ficam ali, juntos, contemplando a beleza do panorama.

Um membro de uma igreja filial teve uma experiência semelhante à de contemplar o nascer do sol com amigos. Ela e seus filhos pequenos participavam de vários grupos de atividades para crianças. Embora as famílias que participavam desses grupos viessem de diferentes culturas e praticassem diferentes religiões, ficava claro, pelas conversas das mães, que todas levavam a sério a criação dos filhos e eram genuinamente receptivas às ideias umas das outras, especialmente às de natureza espiritual. Ao reconhecer que todas eram instruídas pela mesma Mente amorosa, essa senhora colheu a oportunidade. Pediu à sua igreja que patrocinasse uma série de conferências da Ciência Cristã especialmente voltadas a temas de interesse dos pais. A igreja filial nunca havia realizado esse tipo de evento antes, mas Deus havia impelido essa senhora a fazer o pedido, e os demais membros concordaram. Ela sabia que não caberia a ela — nem mesmo ao(s) conferencista(s) — dar provas de alguma coisa ou mudar a forma de pensar

das pessoas. Todos já tinham a mesma fonte infinita de sabedoria e orientação.

O membro da filial se sentiu confiante para convidar essas mães para as conferências, e outros membros seguiram o mesmo caminho, convidando pais do local de trabalho, da escola dos filhos etc. Ao que tudo indica, os convites soaram naturais e foram bem recebidos, pois a participação do público nas conferências foi excelente! Novas ideias apresentadas no evento e em *Ciência e Saúde* — tais como a de que Deus é um Pai-Mãe amoroso e de que Deus é a única causa e o único Criador — passaram a servir como pontos de referência nas conversas das mães dali em diante. Curiosamente, embora essa série de conferências tenha tido um impacto duradouro, o membro da igreja sentiu que foi um dos eventos mais fáceis que ela havia ajudado a organizar. Não fora necessário tentar converter ninguém nem fazer alarde para atrair um público atento e participativo.

Como foi que isso aconteceu? O que nos capacita a encontrar oportunidades para compartilhar a Ciência Cristã? Não é talento pessoal nem carisma. Não precisamos necessariamente ser extremamente criativos, mas sim, apenas obedientes ao impulso amoroso que recebemos de Deus, a Mente. Esse impulso, essa inspiração, é a mesma influência para o bem que Jesus expressava constantemente, e tem um nome especial na Bíblia e nos escritos da Sra. Eddy. É o Cristo.

Ciência e Saúde explica: “O Cristo é a ideia verdadeira que proclama o bem, a mensagem divina de Deus aos homens, a qual fala à consciência humana” (p. 332). O Cristo nos ajuda tanto no nosso dia a dia! Quando sentimos a inspiração que cura um problema de longa data, quando encontramos a coragem moral para melhorar uma situação tensa no trabalho ou quando sentimos o impulso de ter uma conversa que espelha a grandeza da Alma, com um vizinho a quem normalmente apenas acenamos, esse é o Cristo. O Cristo é tão amorosamente eficaz e atuante em 2026 quanto era no tempo de Jesus.

Às vezes, o impulso inicial de compartilhar a Ciência Cristã acaba se desdobrando de modo diferente do que

esperávamos. Por exemplo, em um esforço para atender às pessoas de fala espanhola que buscavam respostas espirituais, uma Cientista Cristã memorizou vários versículos da Bíblia em espanhol — idioma que não é sua língua materna. O propósito original dessa atividade impelida pelo Cristo — segundo sua intenção — era produzir um vídeo on-line sobre a cura na Ciência Cristã, para alcançar as pessoas de língua espanhola. Embora ela já soubesse um pouco desse idioma, a linguagem bíblica não lhe era familiar. Decorar os versículos não foi fácil; ela conta que houve momentos em que pensou: “Isto está demorando uma eternidade! Será que realmente vale a pena?” Mas o desejo de levar a mensagem da Ciência Cristã às pessoas a motivou a continuar. Saber que ela era iluminada pela mesma Mente que iluminava os possíveis espectadores de língua espanhola deu impulso ao seu trabalho.

Por fim, ela conseguiu aprender os versículos. A produção do vídeo ainda estava um pouco distante. Nesse meio tempo, ela precisou usar um aplicativo de transporte, e o motorista falava apenas espanhol. Ele estava em uma busca espiritual, pronto para dar o próximo passo em sua jornada. A Cientista Cristã mal podia acreditar em como os versículos bíblicos se encaixaram bem na conversa deles sobre a Ciência Cristã e em como lhe vieram aos lábios com facilidade. Ela conseguiu falar de modo profundo e sincero com alguém que nem esperava encontrar. Quando chegaram ao destino, o motorista lhe entregou o próprio celular e disse, em espanhol: “OK, me passe tudo o que você tiver sobre isso!” Ela compartilhou vários recursos on-line, inclusive uma lista das próximas conferências na região dele. E, naturalmente, essa interação também a ajudou na gravação do vídeo. Ela pôde produzir algo que era genuíno e útil.

Quando interagimos com outras pessoas, talvez o que haja de mais evidente em comum entre nós seja o idioma que falamos, o lugar onde trabalhamos ou o esporte que praticamos (ficamos sabendo que muitas conversas sobre a Ciência Cristã estão acontecendo nas quadras de *pickleball*). O Cristo inspira essas conexões na convivência com outras pessoas e nos conduz naturalmente a oportunidades de compartilhar a Ciência Cristã. Então, descobrimos aquela conexão

mais profunda e duradoura, que já estava ali: somos filhos do mesmo Deus, iluminados pela mesma Mente.

Por isso, embora talvez falemos sobre criar vínculos ou, mesmo na era tecnológica de hoje, sobre formas naturais de interagir pessoalmente com nossos vizinhos, é bom lembrar que a conexão real e indestrutível já existe — e sempre existiu.

Poderíamos dizer que a união de cada indivíduo com a Mente divina, o Amor divino, constitui a conexão suprema e possibilita — aliás, garante — a conexão com os outros. Percebemos isso em conversas inesperadas, talvez em uma oportunidade espontânea de ajudar outra pessoa, ou quando alguém diz que veio a uma conferência “sem saber por que estou aqui”. O Cristo impulsiona ações que tomam a forma de vínculos na comunidade, e a própria natureza da Mente única e divina nos assegura que a conexão real já existe.

O que fazer, se nos sentimos inspirados, mas a conversa fica nos cumprimentos e gentilezas, e parece difícil conduzi-la para algo substancial que realmente ajude? Ou quando é difícil até mesmo iniciar uma conversa? Às vezes, essa resistência parece vir de dentro de nós. Será que meu vizinho realmente quer ouvir falar da minha religião ou de uma palestra que minha igreja está promovendo? Talvez não, mas constatei que o Cristo nos ajuda a ir além da visão limitada sobre a Ciência Cristã como uma denominação religiosa, para compreendê-la como a Ciência do existir, uma descrição da realidade. Essa compreensão elimina o constrangimento e o substitui por afeto e respeito genuínos pela pessoa com quem estamos conversando.

O amor pela Ciência constrói algo, não é mesmo? Ele desperta nossa coragem moral inata! Ele se espalha e pode trazer energia a um diálogo que vai além da nossa forma habitual de falar; trata-se de apoiar a experiência imediata de alguém com Deus. Nesse processo, talvez descubramos que as pessoas têm mais interesse e curiosidade do que imaginávamos, ou que o bem que sentimos e que nos esforçamos para viver, como testemunhas de Deus, é muito importante e necessário.

Esse anseio profundo de testemunhar a Mente única, aliado à atividade inspirada pelo Cristo, resulta em cura.

Ciência e Saúde diz: “O Cristo, como ideia espiritual e verdadeira de Deus, vem agora, como na antiguidade, pregando o evangelho aos pobres, curando os doentes e expulsando os males” (p. 347).

Neste ano, o escritório do Quadro de Conferencistas da Ciência Cristã recebeu relatos de curas de tendinite, lesões nas costas, dor abdominal, protuberância anormal, problemas de mobilidade, fadiga crônica e muito mais. Essas curas ocorreram durante as conferências, ou como resultado do trabalho em oração realizado antes e depois dos eventos. Agradecemos a todos vocês por sua participação vital na atividade de conferências da Ciência Cristã. Será um prazer trabalhar com vocês neste próximo ano de conferências!

Melanie Wahlberg

Gerente, Quadro de Conferencistas da Ciência Cristã

Estou feliz em ver você!

Grace Anderson

Publicado anteriormente como um original para a Internet em 19 de janeiro de 2026.

Certa manhã, meu sobrinho Luke estava correndo para o recreio, quando sua amiga Anna entrou bem na frente dele com os braços abertos, bloqueando a saída.

“Luke”, gritou ela: “Estou com raiva de você!”

“Sério?” Respondeu Luke: “Eu estou feliz em ver você!”

Anna abaixou os braços, surpresa, e seguiu Luke em direção ao parquinho.

Às vezes, as pessoas dizem ou fazem coisas que ofendem. E às vezes sentimos raiva, medo ou tristeza, quando as pessoas nos tratam mal.

Mas, adivinha! Podemos fazer algo realmente poderoso nesses momentos. Podemos fazer como Luke e amar primeiro. Deus nos ajuda a fazer isso.

Jesus mostrou que nada é mais poderoso do que o amor. Isso porque Deus é o Amor e é todo-poderoso. Jesus sabia disso, e sua vida refletia o Amor de todas as maneiras. Foi o Amor que permitiu a Jesus curar as pessoas e mudar a vida delas. O Amor tornou possível a Jesus sair do túmulo, depois que as pessoas tentaram acabar com a vida dele. Isso nos mostra o poder que é o Amor!

Foi o Amor que nos criou, por isso é natural que nós amemos também. Quando amamos, nos sentimos alegres e seguros, pois amar nos ajuda a sentirmos a presença de Deus. E, quando amamos, outras pessoas também são beneficiadas. Esse amor pode ajudar a dissolver sentimentos de tristeza ou de raiva. Dá aos outros o exemplo de como ser livre e repleto de alegria.

Quando nosso coração permanece puro, sincero, corajoso e cheio do amor de Deus, começamos a ver o Amor em todo lugar. Nós naturalmente brilhamos com esse amor que cura, ajuda e torna o mundo mais feliz.

Você quer orar pelo mundo? Comece aqui.

Jenny Sawyer

Publicado anteriormente como um original para a Internet em 1º de junho de 2026.

Eu estava pensando a respeito da guerra no Irã, quando perguntei aos meus alunos da Escola Dominical da Ciência Cristã: “Vocês se consideram capazes de curar como Jesus curou?”

O semblante de um deles resumiu o sentimento geral, e todos nós rimos. Sua expressão dizia: “Hum, dificilmente”.

Mas concordamos nisto: era uma pergunta sobre a qual deveríamos pensar. Especialmente por Jesus ter nos dito que poderíamos curar como ele curou — e fazer obras ainda maiores do que as dele. Será que isso incluiria termos um efeito sanador sobre o que acontece quando começa uma guerra?

Cristo Jesus não se deixava impressionar pelos grandes problemas que enfrentava, ele os curava, e tinha essa capacidade por duas razões. A primeira, ele sabia quem é Deus. A segunda, Jesus sabia quem ele era como Filho de Deus. Com essa compreensão, nada podia detê-lo. Do mesmo modo, a questão para nós é se estamos começando nossas orações partindo da plena consciência de quem Deus é, e se aceitamos totalmente quem somos como Seus filhos.

O grupo da classe estava bastante confiante em que sabia quem Deus é. Os dois livros que estudamos na Escola Dominical — a Bíblia e *Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras*, de autoria de Mary Baker Eddy — trazem tudo o que precisamos aprender a respeito da natureza de Deus. Ele é o Amor infinito, a Mente que tudo sabe. Ele é onipotência, onipresença. Além disso, Deus é o bem e é Tudo — ou seja, não existe lugar ou espaço para nada que seja prejudicial, opressivo ou ruim.

Orar nos ajuda a compreender a Deus de modo que nós confiamos no bem divino, e essa confiança elimina qualquer medo ou preocupação de que algo ruim possa existir. Às vezes, porém, antes de conseguirmos essa confiança, a ansiedade ou a descrença se intrometem e dizem: “Certo, mas quem sou *eu* para me achar capaz de orar com eficácia suficiente, a ponto de minha oração trazer qualquer efeito positivo?” Esse é o momento em que devemos saber o que significa ser Filho de Deus.

Orando a respeito disso, percebi que a expressão “filho de Deus” me parecia apenas um conjunto de palavras. Mas, com a oração, meu pensamento pareceu ir de uma luz tênue e fraca até uma luz intensa e brilhante.

Deus me mostrou que uma criança pequena aprende com seus pais tudo sobre quem ela é. Tudo aquilo que ela sabe a respeito de sua identidade vem da mamãe e do papai. Isso teve um grande significado espiritual, pois me mostrou que aquilo que pensamos a nosso próprio respeito — se somos capazes ou não — é

totalmente irrelevante. Só o que Deus, nosso divino Pai-Mãe, sabe sobre nós pode ser real e verdadeiro. Deus nos vê conforme Ele nos criou — refletindo clareza, compaixão, discernimento e força.

Deus também me mostrou que uma criança depende totalmente dos pais. Ela não se sente responsável. Ela recebe bondade e amor — não precisa criá-los. Isso me ajudou a não me sentir intimidada ao orar pelo mundo, pois entendi que meu trabalho era ver aquilo que Deus já fez para todos. Eu não tinha de consertar as coisas, mas tinha de aceitar que o Pai-Mãe de todos nós é o Único a manter, proteger e amar toda a Sua criação.

Perceber, de maneira nova e tão convincente, quem eu sou, acabou por dar um grande impulso às minhas orações. Nos dias seguintes, notei como agora me sinto preparada para lidar com os problemas, grandes ou pequenos, que surgem em minha vida. De fato, quando me deparei com uma questão problemática, aparentemente sem solução, minha reação quase automática foi me lembrar de que sou filha de Deus — com tudo o que isso significa. Para minha surpresa, senti algo que só posso descrever como a paz da presença de Deus — e então veio-me de imediato uma ideia, indicando exatamente como resolver o problema.

Minhas orações a respeito da guerra no Irã também foram fortalecidas. Tive de persistir em orar; parece haver detalhes perturbadores a serem confrontados a cada dia. Mas, considerando os resultados alcançados em minha vida, sei que sou capaz de orar a respeito dessas questões maiores, também. Sinto-me fortalecida para orar de modo mais amplo, começando minhas orações reconhecendo quem de fato sou espiritualmente, compreendendo que, com isso, fico livre para ter a expectativa do mesmo poder divino imediato, com seus efeitos sanadores — para todos nós — como os demonstrados por Jesus em suas curas.

Podemos achar que ainda há um longo caminho pela frente até conseguirmos fazer aquelas “obras maiores” que Jesus prometeu que faríamos, e trazer cura ao mundo. Mas, saber que temos um ponto de onde começar, e então começar? Isso tem de fazer a diferença:

para o conflito no Irã e qualquer outro problema ao qual desejemos trazer cura.

Livre para perdoar

Diane Evrard

Publicado anteriormente como um original para a Internet em 4 de agosto de 2025.

Dois anos atrás, senti que era necessário purificar meu modo de pensar. Orei, pedindo a Deus que me ajudasse a superar tudo o que estivesse impedindo a cura, e fui guiada à seguinte passagem do livro *Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras*, de autoria de Mary Baker Eddy: “Ensina a teu aluno que ele tem de se conhecer a si mesmo antes de poder conhecer os outros e atender às necessidades humanas. A honestidade é poder espiritual. A desonestidade é fraqueza humana que fica desprovida da ajuda divina. Pões o pecado a descoberto, não para prejudicar o homem corpóreo, mas para abençoá-lo; e o motivo correto tem sua recompensa. O pecado escondido é perversidade espiritual em altos postos. O farsante nesta Ciência dá graças a Deus por não existir o mal e no entanto serve ao mal em nome do bem” (p. 453).

Orei sinceramente para descobrir se havia em meu pensar algum pecado encoberto. Ocorreu-me que um ponto a ser trabalhado era o perdão. Uma das formas como essa ideia me ajudou muito naquela ocasião, e continua a me ajudar até hoje, é que passei a reconhecer a inocência de todas as pessoas — ver que todos são filhos de Deus, o homem e mulher criados por Deus, conforme o relato bíblico em Gênesis 1. Algumas coisas, porém, haviam acontecido em minha vida, as quais eu achava muito difícil perdoar. Parecia que não conseguia me libertar completamente da raiva, ressentimento, mágoa, culpa, e de achar que eu tinha razão e os outros não.

Algumas ideias apresentadas em uma conferência da Ciência Cristã me ajudaram a compreender que perdoar

é *me* libertar de uma prisão criada por esses sentimentos ruins. Isso me levou a orar ainda mais para perdoar. Com a leitura da Bíblia e dos escritos da Sra. Eddy, passei a ter uma compreensão melhor sobre o perdão.

Certa manhã, aconteceu algo muito especial. Eu havia sonhado com meu pai, que falecera seis anos antes. Eu o amava muito. Ele fora um homem muito bom, com muitas qualidades e muito senso de humor, mas tivera um temperamento muito difícil. Por isso, na infância, eu tinha medo dele. Eu era muito tímida, e a combinação do temperamento dele e minha timidez não resultara em um relacionamento saudável. Eu fazia o possível para sempre me comportar e assim não chamar a atenção dele, mas, ao longo dos anos, passei a ter sentimentos ruins com relação a ele, sentimentos esses que eu havia tentado esquecer.

No sonho, meu pai e eu estávamos juntos, eu sentia um amor muito puro por ele e percebia um amor puro da parte dele por mim, tanto que fiquei totalmente livre de todos aqueles sentimentos ruins. Eles simplesmente desapareceram. Reconheci a pureza, a inocência e a bondade de meu pai. Essa foi uma experiência maravilhosa, que teve em mim um efeito duradouro. Senti que perdoei meu pai, e esse perdão permanece inalterado.

Outro comentário do conferencista foi que o perdão é um presente que damos à pessoa que nos ofendeu. Quando percebemos que o erro — o pensar e o agir errôneo — é algo separado da pessoa, isso a liberta para que ela também possa reconhecer a mesma verdade.

Assim que eu reconheci que podemos ficar realmente livres de maus pensamentos e ações, ajudando os outros a se libertarem por meio do perdão, abriu-se para mim um novo âmbito de pensamento. Percebi com clareza que o perdão que senti por meu pai havia vindo de Deus. Senti o amor de Deus para com meu pai e para comigo, e dei-me conta de que eu não tinha nada a perdoar. Deus nos ama, vê nossa verdadeira inocência, dada por Ele, e assim teve o poder de libertar a mim e a meu pai. É importante reconhecermos e repreendermos o erro, mas apenas o todo-abrangente amor de Deus pode nos libertar e fazer o erro desaparecer, porque Deus conhece nossa pureza como parte de Sua criação.

Quanto mais pensava na revelação que o Amor, Deus, me havia proporcionado naquela manhã, mais perfeitamente eu compreendia que o puro amor divino, que eu havia sentido, podia ser aplicado a qualquer situação desarmoniosa e trazer à luz a realidade da inocência de todos, bem como o amor de Deus para com todos. Essa compreensão sanadora tem me ajudado em outros relacionamentos também. Tenho um grande desejo de sentir esse amor para com todos. Estou me empenhando em perceber a verdadeira pureza espiritual de todos e em permanecer consciente da natureza de Deus, reconhecendo que todos somos amados pelo amor divino e estamos em perfeita harmonia.

Diane Evrard

Saint Charles, Missouri, EUA

Cura de dolorosa queimadura

Maria da Conceição Monteiro

Original em português Publicado anteriormente como um original para a Internet em 8 de setembro de 2025.

Certo dia, há bastante tempo, decidi fazer uma tarte para minha irmã, que viria me visitar. Preparei tudo e coloquei a tarte no forno para cozer. Quando fui retirar a tarteira, contudo, a grelha do forno tombou, e minha mão esquerda ficou coberta com o recheio a ferver.

A dor era muito forte. Com bastante dificuldade, retirei do forno a tarteira com a mão direita, usando uma luva de proteção. Limpei a mão esquerda com um pano, e a envolvi em outro, limpo.

Imediatamente comecei a orar com a “declaração científica sobre o existir”, a qual se encontra em *Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras*, e na qual Mary Baker Eddy escreve: “Não há vida, verdade, inteligência, nem substância na matéria. Tudo é a Mente infinita e sua manifestação infinita, porque Deus é Tudo-em-tudo.

... O Espírito é Deus, e o homem é Sua imagem e semelhança. Por isso o homem não é material; ele é espiritual” (p. 468).

Ficou muito claro para mim que, se não há vida, nem verdade, nem substância na matéria, então eu, como a imagem e semelhança espiritual de Deus, não poderia sofrer por nada material ou desarmonioso. Visto que cada um de nós é a manifestação de Deus, minha experiência só podia ser totalmente harmoniosa e indolor. Comecei a orar em voz alta, afirmando muitas verdades como essas, que aprendi na Ciência Cristã. Lembro-me da firmeza com que eu orava. Nem por um momento pensei em usar outro meio para aliviar a dor.

A princípio, quanto mais eu orava, mais forte ficava a dor. Mas continuei firme na oração. Então me lembrei deste trecho de *Ciência e Saúde*: “É preciso coragem para declarar a verdade; porque quanto mais alto a Verdade levanta a voz, tanto mais alto o erro grita, até que seus sons inarticulados sejam silenciados para sempre no esquecimento” (p. 97).

Foi isso o que aconteceu — à medida que continuei a orar com firmeza, a dor por fim começou a diminuir. Um senso de paz me sobreveio. Senti que tudo estava bem e que eu podia continuar com minhas tarefas, que completei sem nenhuma dor.

No dia seguinte, não havia qualquer sinal de queimadura, a não ser uma cor rosada na pele, a qual desapareceu completamente pouco depois. Não tenho palavras para descrever minha alegria e gratidão a Deus pela Ciência Cristã e por essa cura!

Maria da Conceição Monteiro

Almada, Portugal

Libertei-me da crença de que eu tinha inimigos

Isaac Otieno

Publicado anteriormente como um original para a Internet em 2 de março de 2026.

Sou grato por ter aprendido que a capacidade de amar nossos inimigos deve começar com uma transformação interior. Em outras palavras, se achamos que é difícil amar alguém, é o nosso pensamento a respeito dessa pessoa que precisa ser curado.

Durante muitos anos, acreditei que tinha críticos ou inimigos entre meus irmãos, colegas de trabalho e vizinhos. No entanto, à medida que minha compreensão da Ciência Cristã foi se aprofundando, percebi que o problema não eram eles, mas algo que eu precisava corrigir em meu próprio pensamento.

Isso não quer dizer que os outros nunca tenham feito nada de errado, mas o que me ajudou foi compreender esta mensagem de Jesus, no Evangelho de Mateus: “Ouvistes que foi dito: Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo. Eu, porém, vos digo: amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem; para que vos torneis filhos do vosso Pai celeste...” (5:43–45).

Essa passagem me ajudou a compreender melhor que Deus é o Amor e, por isso, Ele protege Seus filhos. E, por sermos Seus filhos, nós refletimos o Amor divino, e não podemos ser vulneráveis à desarmonia nem ter relacionamentos conflituosos com os outros. Pouco a pouco, fui percebendo que cada um de nós é um com Deus, assim como uma gota de água no oceano é uma com o oceano. Essa compreensão me ajudou a entender que o termo *inimigo* não se refere a uma pessoa ou grupo de pessoas, mas aos pensamentos que nos separariam uns dos outros, como o medo, a autocondenação, e assim por diante.

No artigo intitulado “Amai os vossos inimigos” Mary Baker Eddy, a Descobridora e Fundadora da Ciência Cristã, explica que é errônea a crença de que temos inimigos. Ela diz: “Simplesmente considera como inimigo aquilo que contamina, desfigura e destrona a imagem-Cristo que tu deverias refletir” (*Escritos Diversos*

1883–1896, p. 8). E, em seguida, acrescenta: “ ‘Amai os vossos inimigos’ é idêntico a ‘Não tendes inimigos’ ” (p. 9).

Em minha oração, procurei manter o foco em expressar a imagem-Cristo — a verdadeira ideia de Deus que Cristo Jesus demonstrou — e fazer a conexão entre o conceito de amar nossos inimigos e a compreensão de que não temos inimigos. Compreender que não temos inimigos tornou-se uma bênção em minha vida, pois me ajudou a perdoar e manifestar amor e bondade àqueles que antes eu considerava inimigos. Passei a cumprimentá-los sem reservas e de maneira amistosa — e percebi que eles passaram a expressar mais bondade para comigo. Dei-me conta de que o perdão não era para eles, mas para mim. Perdoar e amar nossos inimigos nos liberta mentalmente, e é parte importante de nosso progresso espiritual.

Ao observar a vida e o caráter de Jesus, constatamos que ele expressou muito amor por aqueles que se opunham a ele, aos seus ensinamentos e ao seu trabalho de cura. Isso o preparou para que, mesmo na cruz, ele dissesse: “...Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem” (Lucas 23:34).

Quando compreendemos que todos somos filhos amados de Deus e somos a expressão do Amor divino, conseguimos perdoar e orar por aqueles que parecem ser nossos opositores. O fato é que, quando sentimos e manifestamos esse amor pelos outros, estamos demonstrando a eles a natureza de Deus. Para mim, é isso o que significa ser “o sal da terra” e “a luz do mundo” (ver Mateus 5:13, 14).

Sou constantemente grato pela dádiva de ter a Ciência Cristã em minha vida, “Porque o pendor da carne dá para a morte, mas o do Espírito, para a vida e paz” (Romanos 8:6).

Isaac Otieno

Nairóbi, Quênia

Cura rápida de ferimento na mão

Orlirio Perez Rojas

Original em espanhol Publicado anteriormente como um original para a Internet em 22 de junho de 2026.

Em 1 João 4:16, lemos: “E nós conhecemos e cremos no amor que Deus tem por nós. Deus é amor, e aquele que permanece no amor permanece em Deus, e Deus, nele”. Além dessas ideias, um exemplo do Evangelho de João também me inspirou a relatar uma experiência de cura que tive. No capítulo 9 do Evangelho de João, Jesus e seus discípulos encontram um homem cego de nascença, e os discípulos perguntam ao Mestre quem havia pecado — o cego ou os pais dele. Jesus responde: “...Nem ele pecou, nem seus pais; mas foi para que se manifestem nele as obras de Deus” (versículo 3). Para mim, isso significa que podemos considerar tudo o que nos acontece como uma oportunidade de expressar a glória de Deus e testemunhar o Seu poder.

Agradeço a Deus pelos ensinamentos da Ciência Cristã. Sem eles, a experiência que passo a relatar teria sido muito diferente.

Eu moro em Matanzas, Cuba, e vou à cidade todos os dias para verificar se a cota de pão que o governo disponibiliza para nós está liberada. Em um desses dias, vi um vaso sanitário quebrado à beira da estrada. Notei que havia água acumulada dentro dele, ou seja, um potencial criadouro de mosquitos. Desci da bicicleta e peguei o vaso para quebrá-lo em pedaços menores, mas, imediatamente, senti uma dor muito aguda na mão esquerda. Quando olhei para a mão, vi que ela estava com um corte profundo.

Rapidamente peguei a folha de uma árvore e a coloquei sobre o corte para estancar o sangramento. Continuei meu percurso até o local de retirada do pão e, quando tirei a folha de cima da mão para pegar meus documentos e o dinheiro, o sangue começou a jorrar. Peguei a folha novamente, coloquei-a sobre o ferimento, e o sangramento parou. Alguns amigos atenciosos, que haviam presenciado o acontecido, aconselharam-me a procurar atendimento médico. Mas, graças a Deus e ao que eu tinha aprendido e

compreendido com o estudo da Ciência Cristã, a única coisa que preenchia minha consciência era o que o senso espiritual estava afirmando — a eterna realidade da Mente, Deus. Comecei a me ver como a expressão de Deus, refletindo perfeição e harmonia.

Continuei a fazer o trabalho que havia planejado para aquele dia. À noite, percebi que no local do corte havia um ferimento levemente vermelho e inflamado. Eu o lavei com sabão e orei novamente, afirmando apenas as verdades espirituais que preenchiam minha consciência.

Na manhã seguinte não havia nenhuma inflamação, vermelhidão nem dor. Então me ocorreu que, se não fosse por reconhecer minha identidade espiritual, como aprendi na Ciência Cristã, eu provavelmente teria levado pontos na clínica médica, onde poderiam ter receitado anti-inflamatórios e antibióticos, e o ferimento teria levado dias para cicatrizar.

Uma única ideia preenchia meus pensamentos: ver-me espiritualmente, sem qualquer vestígio de ferimento — e, poucas horas depois, restava apenas uma pequena marca em minha mão. Volto a afirmar que essa experiência foi mais uma oportunidade para colocar em prática a Ciência Cristã — descoberta e fundada por nossa Líder, Mary Baker Eddy — e de agradecer a Deus.

Orlirio Perez Rojas
Marti, Matanzas, Cuba

Rodízio de cargos no Conselho de Fiduciários

Anunciamos uma mudança no Conselho de Fiduciários da Sociedade Editora da Ciência Cristã. A partir de 15 de maio de 2026, Arcadia Nones, CSB, deixou o Conselho de Fiduciários. O novo Fiduciário, Kevin Ness, CSB, se juntou a Jennifer McLaughlin, CSB, e Scott Preller, CSB, a partir de 18 de maio de 2026.

Somos profundamente gratos pelos fiéis e dedicados serviços prestados por Cadi durante os anos de seu mandato no Conselho de Fiduciários. Ela teve sempre uma abordagem espiritual em todos os aspectos de seu trabalho. Seu grande amor pela Ciência Cristã e pela Sociedade Editora fundada por Mary Baker Eddy tem sido percebido por todos, e nenhum agradecimento é suficiente por seus serviços e generosa consagração.

Kevin tem servido A Igreja Mãe em muitos cargos, inclusive Gerente dos Comitês de Publicação e Gerente do Departamento Jurídico. Como Cadi, Kevin traz ao novo cargo um profundo amor pela Ciência Cristã e está animado com a oportunidade de dar ainda mais apoio à nossa Igreja e à Sociedade Editora.

Unamo-nos aos Fiduciários nos agradecimentos a Cadi e nas boas-vindas a Kevin.

O Conselho de Fiduciários da Sociedade Editora da Ciência Cristã

Surpresa! Você é espiritual. Aceite isso — e viva de verdade.

Keith Wommack

Publicado anteriormente como um original para a Internet em 11 de maio de 2026.

Quando foi a primeira vez que você notou que é espiritual? Talvez sempre tenha percebido essa verdade, ou talvez só agora esteja se dando conta disso. De qualquer forma, essa percepção muda tudo.

Por meio da oração, do estudo da Bíblia e dos ensinamentos de Mary Baker Eddy em *Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras*, os quais são fundamentados na Bíblia, aprendemos que ser espiritual não é simplesmente algo a ser esperado para o futuro, ou

conquistado. É nossa própria natureza agora mesmo — é como Deus nos criou.

As Escrituras declaram: “Deus é espírito...” (João 4:24) e em Gênesis 1:26 afirmam que somos criados à imagem de Deus. Aquilo que o Espírito cria é espiritual. Conforme explicou Jesus: “O espírito é o que vivifica; a carne para nada aproveita...” (João 6:63). Portanto, ser espiritual é saber que somos de Deus — somos a amada e amável expressão do Amor divino. Não somos frágeis mortais em dificuldades, mas sim, somos a emanção radiante de Deus — completos, estimados e bons por natureza.

Por ser Deus o Espírito, o termo *espiritual* se refere a tudo o que é importante e real, não é algo abstrato, nem é algum aspecto menor e secundário da existência. O Espírito é a substância de *tudo*. Compreendemos melhor nossa identidade como semelhança espiritual e individual de Deus, quando reconhecemos que Ele é o Espírito todo-poderoso e sempre presente; o Amor divino terno e protetor; a Mente única onisciente e inteligente. Por meio desse entendimento mais completo, somos capazes de rejeitar as aparências materiais e descartar as fraquezas, dores e limitações da matéria.

Ser espiritual é ser infinitamente saudável e forte, como o Espírito, Deus. A Sra. Eddy resume assim essa ideia em *Ciência e Saúde*: “O Espírito é a única substância, é o invisível e indivisível Deus infinito. As coisas espirituais e eternas são substanciais. As coisas materiais e temporais não têm substância” (p. 335).

Por sermos espirituais, podemos estar sempre conscientes daquilo que eternamente somos, mesmo em meio às experiências do cotidiano. Quer estejamos lavando a louça, escrevendo relatórios ou confortando um amigo, somos a expressão espiritual de Deus naquele exato momento — e todas as outras pessoas também são.

Sermos espirituais significa que somos totalmente independentes da materialidade e dependemos por completo de Deus para nossa saúde e felicidade. A saúde é uma qualidade espiritual do existir, não uma condição material variável.

Sermos espirituais significa que refletimos a Vida infinita e eterna. Deus é a Vida — imorredoura e incorruptível. Vivemos como expressão da Vida divina, intocada pelo medo, tristeza ou confusão. A Vida sempre *existe*, e nós sempre temos um propósito. Por sermos espirituais, o compreender a Deus nos dá esperança, quando o mundo parece incerto, ou quando somos tentados pela crença de separação ou isolamento, a qual parece nos levar a escolhas autodestrutivas.

Por sermos espirituais, nossa compreensão é fortalecida pelo Cristo, o disponível poder divino, a mensagem de Deus que nos corrige. O Cristo faz com que a oração nos leve a mudanças de atitude e traz cura a um mundo que a está esperando.

Sermos espirituais significa que somos dinâmicos, mesmo preservando grande valor e a habilidade de expressar a dignidade divina. Paulo explicou: “...o fruto do Espírito é: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade... Se vivemos no Espírito, andemos também no Espírito” (Gálatas 5:22, 25).

Ser espiritual é viver produtivamente, ver a beleza em todos os lugares, agir com força e compaixão cristãs, e reconhecer que todos são inocentes e amados, nunca perdidos ou isolados.

Um indivíduo desonesto e perverso pode parecer bastante real, mas essa nunca é a imagem de Deus, portanto nunca é real. Devemos orar com sabedoria e, por meio dessa oração, negar identidade a todo pecado. Além disso, o vitimismo, que fragiliza, machuca e traz a propensão a acidentes nunca deve ser aceito como verdadeiro para ninguém. Manter em mente a verdadeira e completa natureza espiritual de todos permite que Deus seja glorificado, e que Seu amor e estabilidade sejam constatados, por meio da graça. Isso é exercitar o método científico de Jesus de praticar o Cristianismo conforme explicado na *Ciência Cristã*.

Por sermos inteiramente espirituais, conforme a Bíblia revela e a *Ciência Cristã* explica, o terno cuidado de Deus por Sua criação está sempre disponível para ser demonstrado. Contudo, é necessário compreender que a melhora da condição humana não torna real uma

criação que tem por base a matéria. É meramente a indicação de que um falso senso de que o existir seja material e mortal está cedendo lugar à realidade espiritual.

Nós não somos mortais, passando por uma experiência material, nem seres espirituais vivendo uma vida mortal. Somos seres espirituais vivendo uma experiência espiritual, apesar da crença de que sejamos ou tenhamos sido alguma vez materiais e mortais.

A Sra. Eddy nos lembra: “O homem é espiritual e perfeito; e por ser espiritual e perfeito, tem de ser compreendido dessa maneira na Ciência Cristã” (*Ciência e Saúde*, p. 475).

Então, pergunte a si mesmo com frequência: “O que significa ser espiritual?” Ao buscar a resposta, você descobrirá aquilo que sempre foi — o filho perfeito e espiritual de Deus. Aceite isso, e comece realmente a viver!

Keith Wommack

Membro da Diretoria da Ciência Cristã

HEIDI KLEINSMITH SALTER
JULIA SCHUCK
JENNY SINATRA
SUZANNE SMEDLEY

PLANEJAMENTO E DESENVOLVIMENTO EDITORIAL
ANA PAULA CARRUBBA

COORDENADORA DE PRODUÇÃO EDITORIAL
GILLIAN A. LITCHFIELD

ESPECIALISTA EM PRODUÇÃO, CONTEÚDO ON-LINE
MATTHEW MCLEOD-WARRICK

SUPORTE EDITORIAL E ON-LINE
KRISTA KLAVA

GERENTE DE DESIGN E PROMOÇÃO
ERIC BASHOR

DESIGNER
CAROLINA VILCAPOMA

GERENTE DE PRODUÇÃO
BRENDUNT SCOTT

O *ARAUTO* É PUBLICADO PELA SOCIEDADE EDITORA DA CIÊNCIA CRISTÃ.

O ARAUTO DA CIÊNCIA CRISTÃ

REDATORA-CHEFE
LISA RENNIE SYTSMA

REDATOR EXECUTIVO
TONY LOBL

REDADORES-ADJUNTOS
LARISSA SNOREK

GERENTE DE OPERAÇÕES
PETER WHITMORE

GERENTE DE PRODUTO
GRAHAM THATCHER, KARINA BUMATAY

GERENTE DE REDAÇÃO, CONTEÚDO PARA CRIANÇAS E JOVENS
JENNY SAWYER

REDADORES
NANCY HUMPHREY CASE
SUSAN KERR
NANCY MULLEN
CHERYL RANSON
ROYA SABRI